

## O conhecimento poderoso e a formação de licenciandos: um estudo de caso

Florence M. Cordeiro de Farias<sup>1</sup> (PQ), João Augusto de M. Gouveia-Matos<sup>2</sup> (PQ). Ana Carolina C. Pontes (IC).

1,3 – Depto de Química Orgânica, Instituto de Química, UFF, Niterói; 2 – Depto de Química Orgânica, Instituto de Química, UFRJ, Ilha do Fundão, CT, Bl A, 6º Andar

Palavras-Chave: conhecimento poderoso, formação de licenciandos.

### Introdução

Em “Para que servem as escolas” Young<sup>1</sup> introduz o conceito de “conhecimento poderoso” chamando a atenção de que a sociologia de educação ressentisse de discussões mais aprofundadas sobre a questão do conhecimento em si, e, por conseguinte, das implicações decorrentes sobre o conhecimento escolar, o currículo e o conteúdo das disciplinas escolares. O presente trabalho visa refletir sobre o conceito de “conhecimento poderoso”, seja no sentido de contribuir para essa discussão, seja na tentativa de preencher as pseudo-lacunas da leitura por não especialistas. Para isso, tentamos explicitar as posições de Young sobre o conhecimento acadêmico como valioso em ações emancipatórias, e introduzimos as explicações de fenômenos do entorno do sujeito, como forma de fornecer os elementos de identidade facilitadora da aprendizagem segundo Bernstein<sup>1</sup>. A partir de tais considerações investigamos, em um estudo de caso, o atual estágio de formação do licenciando em uma universidade pública do Rio de Janeiro e sua capacidade em desenvolver o “conhecimento poderoso” em suas futuras práticas profissionais.

O estudo foi efetivado através da elaboração e aplicação durante o segundo semestre letivo de 2010 e o primeiro de 2011, de um questionário com quinze questões de múltipla escolha subdivididas em: seis que versavam sobre conceitos da “química acadêmica”, e nove sobre fenômenos do entorno, onde se arguia sobre a aplicação dos seis primeiros nos segundos. Havia cinco opções para resposta em cada questão, dentre as quais eram fornecidas a opção “Não Sei” (para evitar respostas aleatórias) e “NRA”-nenhuma das respostas anteriores.

### Resultados e Discussão

Foram respondidos e analisados 250 questionários (em um total de 418 alunos regularmente matriculados).

Para cada período letivo contou-se o número de acertos e de erros e calculou-se o índice de acerto ( $iA$  - número de acertos/total de questões) e o valor médio de acerto ( $VmiA$  :  $iA$ /número de questionários respondidos). A mesma metodologia foi aplicada para os cálculos dos valores médios de erros totais ( $VmiET$ ), que incluem também a resposta “não

sei”. Os resultados encontrados são mostrados nos gráficos a seguir:

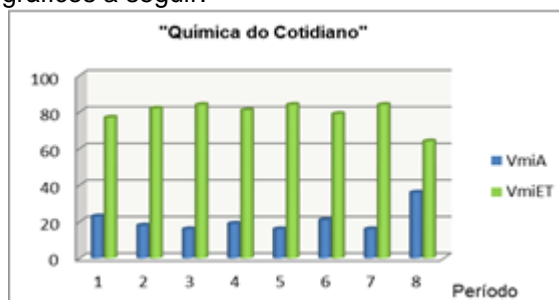


Figura 1: Relação de VmiA e VmiET por período letivo nas questões sobre fenômenos do em torno.

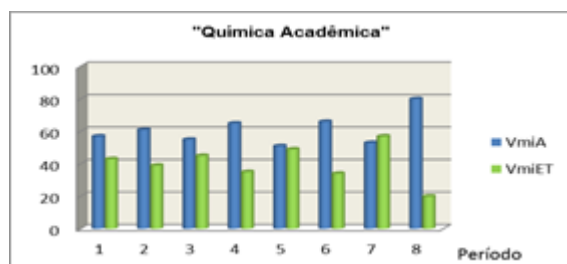


Figura 2: Relação de VmiA e VmiET por período letivo nas questões de química acadêmica

### Conclusões

O que se infere das colocações de Young, é que para o desenvolvimento do “conhecimento poderoso” o domínio dos conhecimentos acadêmicos é uma condição necessária. Todavia, nossos resultados apontam que tal não é suficiente. Ele exige para uma ação emancipatória a possibilidade de identificação entre o problema emancipatório posto e os conhecimentos necessários para uma reflexão crítica. Discussão esta não presente no trabalho de Young. A análise das figuras acima mostra que os licenciandos investigados apresentam dificuldades nessas identificações, mesmo em casos simples introduzidos como facilitadores de aprendizagem.

1. Young, M. Para que servem as escolas? *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007